



Recebido em: 15/12/2020

Aceito em: 05/01/2021

## **RELIGIOSIDADE POPULAR E O JESUS HISTÓRICO.**

## **POPULAR RELIGIOSITY AND THE HISTORICAL JESUS.**

Doutorando Hamilton Moraes Theodoro dos Santos<sup>1</sup>

PPGHC- UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/5436786988309309>

**Resumo:** O artigo tem o objetivo de analisar a religiosidade popular em volta do Jesus histórico na Palestina do primeiro século. Acreditamos que o estudo desse modelo de manifestação religiosa pode proporcionar informações a respeito da sociedade estudada e principalmente das relações sociais em seu interior. Possuímos o intuito de compreender a trajetória do Jesus histórico e seus respectivos desdobramentos sociais, religiosos e políticos. Pretendemos entender a religiosidade popular enquanto manifestação cultural e de contestação social de indivíduos explorados e marginalizados contra as relações de dominação na Palestina romana. Relações legitimadas pela religiosidade institucional. Para alcançarmos esses objetivos precisaremos compreender os contextos político, social e econômico da Palestina e das províncias romanas do primeiro século. A análise do relacionamento dos grupos religiosos dominantes judaicos com autoridades políticas romanas será relevante.

**Palavras-chaves:** Jesus histórico; epistemologia; sistema de dominação; religiosidade popular; contestação social

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Comparada pela UFRJ. Mestre em História pela UNIVERSO. A tese *Anarquistas e marxistas em perspectiva comparada na Primeira República* está em desenvolvimento sob orientação de Profa. Dra. Déborah El Jaick Andrade. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**Abstract:** The article has the purpose of analyzing the popular religiosity about the return of the Historical Jesus of the Palestine on the first century. We believe that the study of this model of religious manifestation may provide information around the studied society and mainly on the social relations on it's interiors. We have the intent of understanding the trajectory of the Historical Jesus as well it's respective social, religious and political developments. We plan to understand the popular religiosity as a cultural manifestation and social contestation of exploited and marginalized individuals against the domination relations in the Roman Palestine. Relations legitimated by the institutional religiosity. To achieve these goals we need to understand the political, social and economical context of the Palestine and the Roman provinces of the first century. The analysis of the relationship of the dominating Judaic religious groups with roman political authorities will be relevant.

**Keywords:** Historical Jesus; epistemology; domination system; popular religiosity; social contestation

## Introdução

O presente artigo tem o objetivo de realizar uma análise da religiosidade popular em torno de Jesus histórico, compreendendo-a como um desdobramento social do sistema de dominação romano na Palestina. Realizaremos uma análise histórica da religiosidade popular em volta de Jesus e seus confrontos contra as autoridades romanas e elites religiosas judaicas. Acreditamos que essas manifestações de religiosidade popular, com caráter contestatório, eram influenciadas por indivíduos capazes de satisfazer os anseios da massa empobrecida. Não era incomum pregadores populares, vagando por deserto e cidades, realizando pregações religiosas à massa camponesa explorada e oprimida. Compreendemos tais lideranças como profetas de movimentos religiosos populares.

Nossa hipótese é que as populações empobrecidas, de regiões distantes dos centros urbanos, esquecidas pelo clero institucionalizado, comprometido com as respectivas grupos dominantes, tendem a desenvolver uma interpretação própria da religião, imbuída de fortes características de contestação social e oposição ao *status quo*. O clero judaico ignorava essas populações rurais exploradas e desprovidas de perspectivas sociais. Esses grupos eclesiásticos dominantes, legitimavam a exploração dos camponeses, administrava a região de acordo com os interesses imperialistas romanos e consequentemente contribuíam significativamente para a manutenção da exploração e desigualdades sociais. Acreditamos que o estudo da religiosidade popular em volta do Jesus histórico, nos permite compreender o comportamento social de seres humanos que abraçam a religiosidade popular enquanto possibilidade real de melhorias sociais e espirituais.

Para comprovarmos nossa hipótese utilizaremos algumas ferramentas teóricas. O legado da *Escola dos Annales* nos permite problematizar o nosso objeto de estudo. Com a *Escola dos Annales* foi criada a História-problema. Marc Bloch e Lucien Febvre, fundadores da *Escola dos Annales* em 1929 na França, afirmaram que sem problema não existe História.<sup>2</sup> O problema de nossa pesquisa é justamente a religiosidade popular enquanto materialização do desequilíbrio social e ferramenta de luta e resistência contra o *status quo*.

Pretendemos analisar o papel da religiosidade popular através da perspectiva de classe social elaborada pelo historiador marxista inglês E. P. Thompson. Utilizaremos alguns conceitos desenvolvidos por Thompson para melhor compreensão da religiosidade popular enquanto forma de resistência de segmentos oprimidos. Entendemos que o autor inglês não criou conceitos com objetivo de

---

<sup>2</sup> BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

analisar religiosidade popular. Seu intuito é entender a formação e atuação do proletariado inglês. Iremos ressignificar alguns desses conceitos para compreendermos a religiosidade popular em volta do Jesus histórico. O conceito de experiência elaborado por Thompson entende a experiência humana como resultado de uma relação entre dois outros conceitos: o ser social e a consciência social. A experiência de classe ou de grupo é um produto das relações de produção que um segmento específico da sociedade é submetido.

A consciência de classe social é o fruto de como essas experiências são processadas pelas pessoas em seus respectivos contextos culturais, tradições, condições materiais, ideias, instituições etc. As formas culturais de luta mudam através do tempo, mas elas sempre existem.

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos anônimos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismo, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua Consciência e sua cultura (as duas expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e em seguida (muitas vezes, nem sempre, através das estruturas das classes resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (Thompson, 1981: 182).

A consciência de classe faz parte da experiência. Para Thompson a experiência relaciona a cultura e a também a não cultura, na qual metade está dentro do *ser social* e a outra metade dentro da *consciência social*. Ele analisa a classe social através de uma relação de experiência e consciência social acrescida da cultura em plena circulação dentro do processo histórico e das ações das pessoas. Para Thompson a classe social não é uma consequência mecânica do desenvolvimento das forças produtivas e sim um resultado da experiência de pessoas comuns, reais em enfrentamento ao grupo de pessoas com interesses opostos, de acordo com seus interesses e necessidades.

No livro *A formação da classe operária inglesa 1: a árvore da liberdade* Thompson definiu classe social como fruto de uma relação história composta por pessoas reais em um contexto histórico específico. Essas pessoas possuem experiências comuns, sejam elas herdadas ou compartilhadas, e articulam uma identidade de interesses entre si e de enfrentamento a outros seres humanos que possuam interesses antagônicos a eles. No entanto, para Thompson essa definição está apenas próxima da realidade histórica, pois a classe social somente pode ser analisada corretamente através da observação da regularidade do comportamento das relações humanas no processo histórico-social no decorrer do período analisado.

O filósofo francês Foucault acusa o fato de que alguns saberes humanos são propositalmente e sistematicamente ignorados e apagados. A religiosidade popular é perseguida e eliminada ao entrar em confronto com os interesses políticos e econômicos legitimados pelos sacerdotes do clero institucionalizado. No presente artigo será fundamental desconstruirmos o “apagamento” sofrido pela religiosidade popular em volta do Jesus histórico e de seus primeiros seguidores. Tal fato é comprovado pela constatação de que a mensagem religiosa do Jesus histórico e de seus primeiros seguidores é desconhecida. Apagada pelo clero institucionalizado

Foucault, no livro *Em defesa da sociedade*, acusa a desqualificação de conhecimentos indesejáveis por parte do discurso científico hegemônico. O autor realiza uma análise do poder sob o ponto de vista genealógico. Percebemos uma relevante análise a respeito da produção do conhecimento e dos saberes. Realiza uma reflexão acerca da crítica, nos diz que ela possui um aspecto local definido como uma produção teórica que não precisa se legitimar em um sistema comum para estabelecer sua validade. Consequentemente essa crítica irá acarretar o que Foucault chama de insurreição dos saberes dominados ou sujeitados. Seria o surgimento de saberes capazes de colocar em xeque a legitimidade do *status quo*, de abalar a “ordem” preestabelecida por saberes acadêmicos, institucionalizados, instaurados pelo discurso científico comprometido com a manutenção do *establishment*. E assim proteger as relações de dominação e salvaguardar os múltiplos e variados privilégios dos setores dominantes.

Segundo Foucault, os saberes sujeitados ou dominados podem ser classificados em dois grupos: (a) saberes de conteúdo histórico que foram desaparecidos, enterrados e trazidos à tona com a crítica; (b) saberes populares, considerados desqualificados. O autor afirma que os dois tipos de saberes, erudito e desqualificado, estão voltados para a resistência dos oprimidos, tratam do saber histórico de lutas já que as memórias sobre os combates abarcavam esses dois tipos de saberes dominados. Segundo o filósofo francês, os saberes sujeitados são:

E por “saber sujeitado”, entendo duas coisas. De uma parte quero designar, em suma, conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou sistematizações formais. (...) Portanto os “saberes sujeitados” são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos e que a crítica pôde fazer reaparecer pelos meios, é claro, da erudição. Em segundo lugar, por “saberes sujeitados”, acho que se deve entender outra coisa, e, em certo sentido, uma coisa totalmente diferente. Por “saberes sujeitados”, eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da científicidade requeridos (Foucault, 1999: 11-12).

Consideramos o conceito de epistemicídio de Boaventura Santos uma complementação dos conceitos de Foucault utilizados no artigo. Essa complementação nos permite compreender o constante apagamento sofrido pela religiosidade popular. Na obra *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*, Boaventura de Souza Santos criou o conceito de “epistemicídio” para demonstrar a monocultura de uma única ferramenta teórica de conhecimento, em detrimento do apagamento de outras formas de conhecimento. Entendemos que Boaventura está se referindo ao apagamento de culturas colonizadas pelos exploradores europeus no processo de colonização da América. O saber científico é resultante da imposição da matriz do pensamento colonial europeu a diversos povos de países colonizados, monopoliza a verdade e consequentemente provoca o desaparecimento, a destruição de outros mecanismos de conhecimentos. No entanto, o utilizaremos para compreender melhor a religiosidade popular em volta do Jesus histórico.

(...) a ideia de que o único saber rigoroso é o saber científico; portanto, outros conhecimentos não tem a validade nem o rigor do conhecimento científico. Essa monocultura reduz de imediato, contraria o presente, porque elimina muita realidade que fica fora das concepções científicas da sociedade, porque há práticas sociais que estão baseadas em conhecimentos populares, conhecimentos indígenas, conhecimentos campesinos, conhecimentos urbanos, mas não são avaliados como importantes ou rigorosos. E como tal, todas as práticas sociais que se organizam segundo esse tipo de conhecimento não são críveis, não existem, não são visíveis. Essa monocultura do rigor, baseia-se, desde a expansão europeia, em uma realidade: a da ciência ocidental. Ao constituir-se como monocultura (como a soja), destrói outros conhecimentos, produz o que chamo “epistemicídio”: a morte de conhecimentos alternativos (Santos, 2007: 29).

O historiador Carlo Ginzburg, ao desenvolver seus postulados sobre a micro-história, nos proporcionou ferramentas teóricas relevantes que nos ajudam a compreender a religiosidade popular. O objetivo de Ginzburg é interpretar ideias sociais e religiosas que cresceram e foram ressignificadas pelo campesinato italiano dos séculos XV e XVI. Foram desenvolvidas em micro-cosmos sociais, diferenciando-se das ideias propagadas pelas classes dominantes do referido período através da atuação da Igreja Católica Apostólica Romana. Carlo Ginzburg que nos permite traçar limites entre as ideias das classes dominantes e as ideias dos setores explorados pelas mesmas.

Insistindo nos elementos *comuns*, *homogêneos*, da mentalidade de um certo período, somos inevitavelmente induzidos a negligenciar as divergências e os contrastes entre as mentalidades de várias classes, dos vários grupos sociais, mergulhando tudo numa “mentalidade coletiva” indiferenciada e interclassista. Desse modo, a homogeneidade – de resto

sempre parcial – da cultura de uma determinada sociedade é vista como ponto de partida e não como ponto de chegada de um processo intimamente coercitivo e, enquanto tal, violento (...). (Ginzburg, 2010: 16)

Ao analisar a atividade religiosa, o sociólogo francês Pierre Bourdieu nos oferece alguns pressupostos que nos permitem analisar o funcionamento da atividade religiosa. Propõe três aspectos para o estudo sobre a religiosidade: o trabalho religioso, campo religioso e a relação entre especialistas e consumidores de bens religiosos. No terceiro pressuposto, distinguiu os agentes religiosos em três categorias: sacerdotes, profetas e magos.

Para o nosso artigo interessa as duas primeiras. Os sacerdotes são os agentes da religião estabelecida. Ele reproduz um sistema de crenças e ritos sagrados, penetrando-os na rotina cotidiana da sociedade com o intuito de incorporar essa religião na sociedade, tornando-a normal, sagrada e inquestionável. Atua nas igrejas institucionalizadas que o contratam como funcionário e delas recebe o carisma intrínseco à sua função religiosa. Essas instituições religiosas buscam conquistar o maior número de seguidores, independente de classes sociais, com o intuito de torná-los consumidores dos seus bens religiosos. Legitimam religiosamente o modelo de organização social, suas injustiças e os privilégios dos grupos dominantes. Tudo o que o que está fora da ordem estabelecida por esses grupos, sendo ela imposta natural ou divina, é rechaçado e condenado como pecado ou malefício.

O profeta é o agente religioso que em situações inóspitas de crise, de intensa exploração econômica e inserido em grupos marginais, produz um discurso e prática através de uma nova concepção da religiosidade. Ela é ressignificada conforme as demandas do respectivo grupo social. A legitimidade dessa ressignificação não é fornecida por uma instituição religiosa, como no caso do sacerdote, e sim pelo carisma que seus seguidores lhes atribuí. O carisma pessoal proporciona ao profeta legitimidade para contestar a institucionalidade religiosa, a ordem social vigente e também construir uma nova ordem simbólica que se transforma em uma seita rebelde. Os profetas e seus seguidores são combatidos pelos sacerdotes e até mesmo eliminados fisicamente pelos grupos dominantes. Com a eliminação do profeta, seus seguidores mais próximos tendem a se apropriar do seu carisma, de sua ordem simbólica e conquistar novos seguidores. Caso os novos profetas e seus asseclas não sejam eliminados, a longo prazo serão institucionalizados e o papel do profeta será substituído pelo do sacerdote.

Produto da institucionalização e da burocratização da seita profética (...), a Igreja apresenta inúmeras características de uma burocracia

(...) opõe-se objetivamente à seita assim como a organização ordinária (...) opõe-se à ação extraordinária de contestação da ordem ordinária (Bourdieu, 2011: 59-60).

Historicizar Jesus histórico não é uma tarefa fácil. Primeiramente existe a questão temporal. Quanto mais próximo cronologicamente o objeto de estudo está da atualidade, aumentam as probabilidades de acesso às fontes primárias e maior volume de obras de apoio. A hercúlea tarefa de interpretar historicamente o papel religioso e social protagonizado por um camponês pobre da Palestina esbarra em uma série de limitações documentais, bibliográficas, linguísticas e temporais. Existe um apagamento da mensagem religiosa do profeta e de seus seguidores enquanto ferramentas de enfrentamento ao poder institucional. As poucas fontes de estudo sobre o Jesus histórico, ainda encontram imensas barreiras linguísticas, pois são poucos historiadores que possuem uma efetiva intimidade com o aramaico e o grego. Acreditamos que outro problema sejam as cópias dos poucos documentos a respeito do tema, preservadas nos dias atuais. Comprovadamente muitas dessas cópias foram manipuladas através dos séculos de acordo com os interesses religiosos, políticos e econômicos dos grupos que os copiaram.<sup>3</sup>

O teólogo John Dominic Crossan nos aponta alguns perigos a respeito do tratamento dado pela histografia ao Jesus histórico e nos apresenta um método de pesquisa a respeito do nosso objeto de estudo. Muitos historiadores não consideram Jesus um personagem histórico, devido aos referidos problemas de metodologia de investigação histórica. Muitas correntes teológicas também rejeitam pesquisas históricas que tentam reconstituir a trajetória de Jesus independente do monopólio da narrativa clerical. No entanto, nos dias atuais existe um número cada vez maior de pesquisas históricas que se propõem alcançar o papel de Jesus na História. Porém, os resultados desses estudos são divergentes. Em 1978 apareceu o Jesus místico, um mago, nas pesquisas de Morton Smith. O Jesus revolucionário político surgiu nas pesquisas de S.G. F. Brandon em 1967. No ano de 1985, Harvey Falk nos mostrou a face de um Jesus essênio. Bruce Chilton apresentou Jesus como um rabino da Galileia em 1984. (Crossan, 1994: 26-27)

Crossan considera alguns desses trabalhos como conjuntos de hipóteses outorgados pelo respectivo autor aos estudiosos do assunto. A hipótese não é comprovada e sim imposta. Essas interpretações a cerca de Jesus, disputam espaço na historiografia e na academia, através de diversas imagens, muitas delas divergentes umas das outras. Crossan também acusa o problema de intenso

<sup>3</sup> Ver EHRMAN, Bart. D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?** Rio de Janeiro: Editora Agir, 2015.

subjetivismo em muitas pesquisas sobre o Jesus histórico. Dominic Crossan demonstrou sua metodologia para tentar reconstruir a trajetória histórica de Jesus.

A metodologia que adotei para a pesquisa do Jesus histórico está baseada em um triplo processo triádico: a campanha, a estratégia e as táticas, por assim dizer. A primeira tríade diz respeito à interação entre um nível macro-cósmico, onde fiz uso da antropologia social intercultural e transtemporal, um nível mesocósmico, onde recorri a história helenística ou greco-romana, e um nível microcósmico, representado pela literatura composta por sentenças e episódios específicos, histórias, anedotas, confissões e interpretações a respeito de Jesus. Os recursos oferecidos por estes três níveis – o antropológico, histórico e o literário – devem ser explorados por completo e com a mesma intensidade para se chegar a uma síntese eficaz. (Crossan, 1994: 28)

O estudo histórico sobre Jesus não pode ignorar o contexto religioso judaico do primeiro século. Pois não podemos pensar em um confronto entre a igreja cristã e o clero judaico na primeira metade do primeiro século. Não existia essa separação delimitada conforme constatamos nos dias atuais. Não existia igreja cristã institucionalizada. Os cristianismos primitivos eram seitas dentro da pluralidade religiosa judaica. A questão era intrajudaica. Pois não havia um judaísmo e sim vários judaísmos. Os judeus não eram um corpo religioso homogêneo e até hoje não são. Os vários grupos judeus possuíam sua própria versão e interpretação de seus livros sagrados.

Décadas após a condenação à morte de Jesus, as primeiras comunidades cristãs estavam ansiosas para conhecer mais sobre a vida e os ensinamentos de Jesus. Para suprir essa demanda, inúmeros evangelhos foram redigidos com o intuito de registrar as tradições sobre a vida de Jesus. A composição dos evangelhos não foi um processo rápido e que apresentou textos prontos de uma hora para a outra. Foram processos complexos que se desenvolveram gradativamente em condições sociais e religiosas específicas.

Em nosso artigo usaremos o evangelho de Marcos como evangelho base para reconstruirmos alguns passos do Jesus histórico. Os autores de Lucas e Mateus utilizaram o evangelho de Marcos e outras fontes para a composição de seus evangelhos. Estes foram produzidos por volta de 80 a 85 d.C. Já o evangelho de João, também é conhecido como o evangelho dissidente por não ser baseado em nenhum dos citados evangélicos canônicos, foi redigido por volta de 90 a 95 d.C. Os evangelhos canônicos foram escritos em grego baseados em tradições orais aramaicas e gregas.

Já o evangelho apócrifo de Tomé<sup>4</sup> é composto por supostos 114 ditos de Jesus. Sua redação final está datada entre 110-120d.C. Não é uma narrativa sobre a vida de Jesus como nos evangélicos canônicos e sim sentenças e aforismos atribuídos a Jesus. Possivelmente a metade dos ditos desse evangelho foi apoiada nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. A outra metade foi baseada em fontes independentes. O evangelho apócrifo de Pedro foi redescoberto em 1886 no Egito. É a narrativa do julgamento, morte e ressurreição de Jesus. São fragmentos. Partes desse evangelho também se assemelham aos relatos contidos em Marcos, Lucas e Mateus. Uma parte também pode ter sido composta por fontes independentes. O evangelho apócrifo de Ergeton foi descoberto em 1934 no Egito. É composto por quatro fragmentos que narram a vida de Jesus.

Anteriores a esses evangelhos sobre a vida de Jesus, existiram fontes escritas que não sobreviveram. Essas fontes escritas desconhecidas foram baseadas em narrativas orais que existiram e circularam pela Palestina logo após a morte de Jesus. A chamada Fonte Q<sup>5</sup> pode ter sido um evangelho desconhecido que não sobreviveu. Provavelmente um conjunto de ditos de Jesus. Sua possível datação pode ser de 50 d.C. (Ehrman: 2014, 80-81).

Os livros que compuseram o Novo Testamento foram redigidos até o século II. Os mais antigos são as epístolas atribuídas a Paulo, datadas em 49d.C. No entanto, tais livros não haviam sido organizados e agrupados em um cânone imposto pelas autoridades eclesiásticas cristãs que venceram os conflitos contra os demais grupos cristãos primitivos. Inicialmente o cristianismo primitivo possuía uma ampla diversidade, com diversas crenças teológicas.

Aconteceram graves conflitos literários entre as diversas lideranças cristãs durante os séculos II e III. Era uma luta na qual o grupo vencedor imporia sua visão teológica aos derrotados. Os principais grupos cristãos primitivos eram os marcionitas antijudaicos, embionitas judaico-cristãos, diversos grupos considerados gnósticos e os “proto-ortodoxos”. Este último grupo defendia a forma de cristianismo que foi vitoriosa sobre os demais cristãos primitivos. Apoiava as ideias

---

<sup>4</sup> O evangelho de Tomé foi redescoberto accidentalmente por lavradores no ano de 1945 em Nag Hammadi, no Egito. Estava em potes de barro com manuscritos em caracteres coptas. Continham papiros encadernados em couro. Em 1956 peritos constataram o reaparecimento do evangelho de Tomé entre os manuscritos descobertos em Nag Hammadi.

<sup>5</sup> Existem estudos que afirmam que um dos documentos primitivos mais antigos, intitulado pelos pesquisadores como Q, provavelmente foi um registro escrito dos ditos de Jesus. Ele pode ter sido utilizado na composição dos evangelhos de Lucas e Mateus. Este documento não existe, embora existam indícios de que se trata de um documento real.

cristãs e práticas que vigoraram no cristianismo a partir do século III. Este grupo pode ser considerado como os ancestrais da ortodoxia cristã.<sup>6</sup>

Foram 27 livros, escritos anonimamente, que compuseram o Novo Testamento. Algum tempo depois é que passaram a ser chamados pelos nomes que conhecemos atualmente. A autoria deles é uma incógnita. Assim foi criado um cânone dos livros supostamente inspirados por Deus e que compuseram a Bíblia. Além dos quatro evangelhos canônicos, Mateus, Marcos Lucas e João, foram selecionados outros livros para compor o cânone. Muitos outros evangelhos foram escritos e não foram selecionados para compor o “cânone sagrado”, como visto nas linhas acima. Porém, muitos desses livros excluídos foram utilizados e referenciados como livros sagrados pelas comunidades cristãs primitivas derrotadas. A gênese do cristianismo moderno e institucional foi moldada com base na supressão e silenciamento das vozes derrotadas de diversos grupos cristãos primitivos discordantes.

A escolha do evangelho de Marcos como base literária para o nosso estudo sobre a religiosidade popular em torno de Jesus, se deu por causa da questão cronológica. Pois estamos nos reportando ao evangelho canônico mais antigo, redigido quarenta anos após a condenação à morte de Jesus pelas autoridades romanas. Esse evangelho nos proporciona informações relevantes de sobre a vida de Cristo e como sua mensagem foi interpretada pelos primeiros grupos de seus seguidores. Redigido por volta do ano 70 d.C., é uma narrativa sobre seus dizeres, ações e condenação à morte por crucificação. Na prática é o registro documental da memória religiosa da época em que foi escrito pela comunidade cristã de Marcos.<sup>7</sup>

A análise de partes do evangelho de Marcos nos permite entender como parte de seus seguidores se relacionava, interpretava e praticava sua religiosidade. Nesses primeiros anos, o cristianismo era uma seita de profetas judeus dissidentes e as comunidades cristãs eram perseguidas pelos sacerdotes oficiais da religião judaica na Palestina. No decorrer dos anos, versões do cristianismo primitivo de propagaram e se difundiram em regiões do Império Romano e consequentemente passaram a ser combatidas pelas autoridades imperiais. Roma dominava e explorava uma província de população camponesa miserável, onde consequentemente a religiosidade popular, livre das amarras de dominação religiosa sacerdotal, tinha grande força.

<sup>6</sup> EHRMAN, Bart. D. **Evangelhos perdidos**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

<sup>7</sup> Alguns estudiosos afirmam que a Fonte Q seria um possível documento, uma fonte hipotética que teria circulado entre comunidades cristãs primitivas na segunda metade do século XIX. Ela teria sido utilizada na redação dos evangelhos de Matheus e Lucas. Pois as semelhanças de certas passagens, em ambos os evangelhos, são notórias e não são encontradas no evangelho de Marcos.

Não eram incomuns profetas que vagavam pelo deserto realizando pregações religiosas apocalíticas. Jesus e João Batista não eram os únicos. Inúmeros profetas religiosos atuaram na região da Palestina no período analisado. Realizavam suas próprias interpretações do judaísmo e tinham grande número de seguidores. Tal fato causava preocupação aos sacerdotes judeus, entre eles fariseus e saduceus. As posturas de legitimação dos sacerdotes judeus aos mecanismos de exploração romana afastavam cada vez mais o povo simples do campo da religiosidade tradicional e os aproximava dos pregadores populares. Sacerdotes exibiam os privilégios de sua posição dentro do sistema de exploração romana. Essas elites sacerdotais judaicas eram peças fundamentais para o funcionamento do sistema de dominação romano na Palestina. Exerciam seu poder religioso e estavam aliados a Roma.

Para compreendermos a religiosidade popular em volta de Jesus, temos que entender quais eram o microcosmo e o macrocosmo nos quais Jesus estava inserido. O contexto político e econômico imperial romano influenciava indiretamente o contexto social da Palestina no qual Jesus atuava. O entendimento do contexto social de atuação de Jesus, está atrelado à importância da famosa cidade de Jerusalém para os judeus do primeiro século. A referida cidade é fundamental para a análise do movimento religioso em torno de Jesus. O livro “*A última semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus*” de autoria de Dominic Crossan nos proporciona um estudo profundo sobre a relevância de Jerusalém para os camponeses judeus, clero judaico e autoridades romanas. A cidade era considerada sagrada, o coração cultural, político e religioso dos judeus. O famoso rei Davi escolheu como capital do reino de Israel unificado, durante seu governo (1003 a.C. a 970 a.C.).<sup>8</sup> Salomão foi seu filho e sucessor. Construiu o mítico templo em 900 a.C. O Templo de Salomão se tornou o centro espiritual, religioso do mundo judeu. Na cultura judaica o templo mediava o relacionamento dos homens com Deus. Através dele acontecia o perdão divino. O domínio político e religioso que os sacerdotes exerciam sobre a população camponesa da Palestina se dava através do templo sagrado. Estar no famoso templo, era estar na presença de Deus. Fora do templo, não era possível estar em comunhão com o Todo-poderoso. Era o único lugar onde o sacrifício religioso podia ser feito e o perdão só era alcançado mediante o sacrifício. Assim o Templo de Salomão mediava o acesso a Deus, ao perdão divino e à purificação. Era um centro de devoção e de peregrinação.

---

<sup>8</sup> Datação provável, feita pelo importante arqueólogo norte americano Edwin Thiele.

No entanto, Jerusalém ganhou gradativamente uma conotação negativa para parte da sociedade palestina, pois se tornou o centro de um sistema de dominação política, religiosa e econômica. Seriam três as características principais do sistema de dominação na Palestina do primeiro século, uma sociedade agrária pré-industrializada inserida dentro do império romano que promovia as relações do modo de produção escravista:

- Opressão política. A cidade na antiguidade era governada por poucos, elites políticas poderosas e ricas. Possuídoras de terras que exploravam e oprimiam o trabalhador camponês.

-Exploração econômica. Grande parte da riqueza de uma cidade na antiguidade vinha da produção agrícola. Dependendo do contexto econômico específico, de dois terços a metade da produção iam para os cofres dos ricos e poderosos. A má distribuição da riqueza acontecia por causa do sistema político, das leis que regiam a propriedade das terras, impostos, mão de obra escrava etc. Tal riqueza ia parar nos bolsos das elites locais.

-Legitimização religiosa. Nas sociedades antigas, tais sistemas eram legitimados, justificados e sustentados através da religião. As elites, ou seus representantes, governavam por direito divino. Eram representantes de Deus em nosso mundo. A ordem social refletia a vontade de Deus. Porém, em algumas situações, a religião virou inspiração para protestos populares contra a injustiça e a exploração.<sup>9</sup>

Em 63 a.C. o general romano Pompeu conquistou Jerusalém. A Palestina tornou-se domínio romano. A República Romana era na prática um gigantesco império, com territórios conquistados na África, Ásia e Europa. Durante o período republicano os domínios territoriais romanos cresceram consideravelmente. Os generais romanos passaram a gozar de grande prestígio e se tornaram figuras importantes na política romana. Passaram a se enfrentar militarmente em busca de poder político sobre Roma. A ponto de eclodirem guerras civis romanas.

Em 31 a.C. o general Octávio derrotou o general Marco Antônio no Cabo do Accio, findando as longas guerras civis pelo poder de Roma. Em 27 a.C. Octávio transformou Roma em um gigantesco império, concentrou o poder político em suas mãos e diminuiu a importância do Senado como acontecia no período republicano. Com o fim das guerras civis trouxe uma suposta paz aos romanos e estabilidade política para o império. Aperfeiçoou a administração pública. Passou a ser chamado de Augusto e se tornou o Salvador, Libertador e Redentor de Roma. Era chamado

---

<sup>9</sup> CROSSAN, John Dominic & BORG, Marcus J. **A última semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

de Divino, Filho de Deus, Deus e Deus de Deus. Criou uma ideologia que foi imposta a todos os domínios territoriais imperiais, legitimou o alcance da administração pública por todo império, e foi transformada como uma espécie de teologia imperial romana.<sup>10</sup>

Durante o Império, a autoridade imperial romana passa a ser absoluta e teocrática. A prática administrativa romana nas regiões conquistadas era utilizar politicamente as elites locais. Estas eram colaboradoras dos romanos em troca de privilégios e poder político. A riqueza dessas elites era o critério utilizado por Roma para escolher seus colaboradores locais. As autoridades locais tinham liberdade para governar desde que fossem leais aos interesses romanos, mantivessem a ordem e principalmente coletassem e pagassem à Roma o tributo anual exigido pelo Império.

No entanto, algumas décadas após os romanos terem consolidado o domínio da Palestina, famílias aristocráticas judaicas passaram a se enfrentar em busca do poder político concedido por Roma. Para acabar com a confusão, os romanos colocaram Herodes para governar a Palestina. Era idumeu,<sup>11</sup> recém-convertido ao judaísmo. Eliminou as elites judaicas, substituindo-as por novos grupos sociais privilegiados. Esses novos grupos políticos, colocados em uma posição de poder e riqueza na sociedade judaica, deviam sua ascensão social a Herodes. Tomou as terras e riquezas das elites eliminadas e limitou o poder do sumo-sacerdote. Ficou conhecido como Herodes, o Grande.

Com a morte de Herodes, a região foi dividida em três unidades administrativas entregues por Roma aos filhos de Herodes. A região de Jerusalém passou a ser administrada por Arquelau, filho de Herodes. Porém no ano 6 d.C., os romanos destituíram Arquelau do poder e a administração romana passou a utilizar o templo sagrado de Salomão e do clero judaico para a administração romana na região. Na Palestina os romanos passaram a governar através do sumo-sacerdote e de uma elite sacerdotal centrada no Templo de Jerusalém. Boa parte da população explorada e empobrecida não aceitava a corrupção do templo. Entendiam o clero local como seus algozes que executavam um sistema de dominação promovido pelos romanos na região.

Foi nesse contexto político, econômico e social que surgiu Jesus. Os evangelhos canônicos afirmam que ele nasceu durante o governo de Herodes que governou até 4 a.C. Provavelmente seu nascimento pode ter acontecido por volta

---

<sup>10</sup> CROSSAN, John Dominic & REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano.** São Paulo: Paulinas, 2007, p. 14 e 15.

<sup>11</sup> Natural da Iduméia, região da Palestina.

do ano 6 a.C. Os evangelistas não registraram a data do nascimento de Jesus, pois na cultura judaica não se comemoravam os aniversários. Não existia essa tradição.

A Palestina era uma região problemática para a administração romana. Heterogêneos grupos judaicos não se entendiam sobre como proceder a respeito da dominação romana. Um barril de pólvora. Textos sagrados judaicos profetizavam a chegada iminente de um messias que libertaria os judeus da opressão material e da miséria. Na tradição judaica, registrada em livros do Velho Testamento, constatamos que o messias não significava Deus ou filho de Deus. O termo significava “ungido” em hebraico. Era uma pessoa escolhida ou enviada de Deus para ser seu representante especial e realizar um trabalho divino especial. Alguns reis e sumo-sacerdotes já haviam sido considerados messias.<sup>12</sup>

Os efetivos militares romanos na região, hoje conhecida como Oriente Médio, eram fortes e violentos. Pois deveriam funcionar como efetivos mecanismos de repressão violenta contra revoltas populares locais. Os interesses imperialistas romanos sobre a Palestina deveriam ser mantidos a qualquer custo. Nos tempos de Jesus, Jerusalém possuía cerca de cem mil habitantes. A vida de Cristo é envolta de mistérios e imprecisões. Jesus não deixou documentos escritos do próprio punho. Sua passagem pelo planeta também deixou poucos vestígios arqueológicos e documentais. Porém a vida de Cristo é uma das histórias mais conhecidas no mundo no mundo ocidental.

O cristianismo é uma religião de historiador. Outros sistemas religiosos fundaram suas crenças e seus ritos sobre uma mitologia praticamente exterior ao tempo humano; como Livros sagrados, os cristãos têm livros de história, e suas liturgias comemoram, com os episódios da vida terrestre de um Deus, os faustos da Igreja e dos santos. Histórico, o cristianismo o é de outra maneira, talvez mais profunda: colocado entre a Queda e o Juízo, o destino da humanidade afigura-se a seus olhos, uma longa aventura, da qual cada vida individual, cada “peregrinação” particular, apresenta, por sua vez, o reflexo; é nessa duração, portanto dentro da história, que se desenrola, eixo central de toda meditação cristã, o grande drama do Pecado e da Redenção (Bloch: 2001, 42).

Além do evangelho canônico de Marcos, destacamos quatro historiadores da antiguidade que abordaram direta ou indiretamente a trajetória de Jesus e de seus seguidores. Foram eles: os historiadores romanos Suetônio, Tácito e Plínio, o moço e o historiador judeu Flávio Josefo.

O biógrafo imperial Suetônio afirmou que no ano de 50 d.C., o imperador Cláudio expulsou de Roma os judeus e também os cristãos, pois eram todos iguais aos olhos dos romanos. Os cristãos teriam se rebelado por influência de por um

<sup>12</sup> Ver Levítico 4: 3,5, 16 (sumo-sacerdotes). I Samuel 10:1 (Saul). Isaías 45:1 (Ciro, rei persa). II Samuel 23:1-4 (Davi). Daniel 7:13-14.

certo *Chrestus*, em quem Suetônio pode ter entendido como a figura do Jesus histórico. Embora este tivesse sido condenado a morte nos anos anteriores. O ato de Cláudio decorreu por causa das atividades subversivas dos seguidores desse *Chrestus*. Em Roma existiam comunidades judaicas com uma dúzia de sinagogas, a maioria delas, localizada à margem esquerda do Tíber. Também existia uma comunidade cristã na capital imperial, porém a origem da mesma é um mistério.

Tácito por sua vez, evidenciou “a detestável superstição” dos chamados cristãos, termo pejorativo proveniente de Cristo, condenado a morte pelo procurador romano Pôncio Pilatos durante o principado de Tibério. Os seguidores do legado de Cristo, passaram a ser chamados assim a partir do ano 45 d.C. “... E foi em Antioquia que os discípulos, pela primeira vez, receberam o nome de cristãos”.<sup>13</sup>

Plínio, então legado da Bitínia, solicitou a Roma instruções sobre que atitudes tomar contra os numerosos adeptos dessa “má superstição levada ao extremo”, que se dirigiam a Jesus Cristo como se ele fosse um deus. O Talmude Babilônico fala de Jesus como um mago, um agitador que zombou das palavras dos sábios, teve cinco discípulos e foi enforcado na Páscoa.

O caso mais complexo é do historiador judeu Flávio Josefo. Foi integrante do exército romano, sob as ordens de Trajano. Dedicava-se também à História e possuía um vasto conhecimento dos contextos social, político e religioso dos judeus. Durante muito tempo, Flávio Josefo foi uma das poucas fontes historiográficas que abordou diretamente o povo judeu durante os dois últimos séculos de sua existência nacional. Também historicizou o contexto sociopolítico judaico em que surgiu a religiosidade popular em volta de Jesus. Em sua obra *Antiguidades Judaicas* (90 d.C.), o historiador judeu mencionou Jesus ao analisar o processo e o apedrejamento de “*Thiago, irmão de Jesus, o assim chamado Cristo*” e também ao abordar superficialmente o caráter messiânico e as pregações religiosas do Jesus histórico.

Nesta época viveu Jesus, um homem excepcional, pois realizava coisas prodigiosas. Mestre de pessoas que se mostravam totalmente dispostas a dar boa acolhida às doutrinas qualificadas, conquistou para si muita gente entre os judeus e até mesmo entre os helenos. Quando, denunciado pelos nossos chefes religiosos, Pilatos o condenou à cruz, aqueles que a ele se haviam afeiçoado desde o princípio não deixaram de ama-lo, porque lhes aparecera ao terceiro dia novamente vivo, como os divinos profetas o haviam declarado, acrescentando ainda mil outras maravilhas a seu respeito. Mesmo

---

<sup>13</sup> **BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Editora Paulus, 2002, Atos 11: 26.

em nossos dias, não se extinguiu a linhagem dos que por causa dele se chamam cristãos. (Josefo, Antiguidades Judaicas 1.13: 63-64).<sup>14</sup>

Porém os registros de Flávio Josefo sobre Jesus Cristo foram contestados. Estudiosos interpretaram a citação acima como uma suposta fraude fabricada por copistas cristãos. Afirmaram que os copistas cristãos resolveram alterar o texto de Flávio Josefo visando a ênfase na figura de Jesus. Entretanto, recentemente o erudito israelense Shlomo Pines chamou atenção para antigas citações do texto de Flávio Josefo, que parecem atestar que o autor realmente falou do caráter messiânico de Jesus. Flávio Josefo chega a afirmar que "*talvez ele (Jesus) fosse o Messias a respeito do qual os profetas disseram prodígios.*"

Dentro do contexto arqueológico, em 1947 aconteceu a descoberta acidental dos Manuscritos do Mar Morto às margens do Mar Morto, nas colinas de Qumran, em Israel<sup>15</sup>. A partir de tal descoberta, Flávio Josefo deixou de ser a única fonte histórica oficial de estudos a respeito dos últimos séculos dos judeus enquanto nação, antes da diáspora provocada pelos romanos em 70 d.C.. Boa parte dos Manuscritos do Mar Morto foram destruídos pela ocupação romana. São considerados a maior descoberta arqueológica do século XX. O grande interesse mundial pelos Manuscritos do Mar Morto, reside na possível conexão entre Jesus Cristo e os essênios. Os essênios possuíam uma firme postura crítica contra os sacerdotes judeus da época, acreditavam que o Templo de Salomão estava corrompido e que não poderia intermediar o relacionamento entre judeus e Deus.

Ao afirmar que a chegada do Reino de Deus estava próxima, Jesus incomodou profundamente as autoridades religiosas judaicas e romanas. Tal mensagem era incompreendida pelos grupos detentores do poder político e religioso. Era uma mensagem ameaçadora, potencializada pelo lastro social de suas pregações religiosas. A religiosidade popular em volta do Jesus histórico incomodava profundamente essas autoridades institucionalizadas pela ocupação romana. Condenou as autoridades com uma parábola sobre o vinhedo (Marcos 12: 1-12). O iminente Reino de Deus era justamente o contraponto da dominação romana.

---

<sup>14</sup> FLÁVIO JOSEFO: uma testemunha dos tempos dos Apóstolos. São Paulo: Ed. Paulus, 1986, p. 52.

<sup>15</sup> VERMES, Geza. **Os manuscritos do Mar Morto.** São Paulo: Mercuryo, 1994.

## Conclusão

As relações de dominação romana na Palestina, através do modo de produção escravista, produziram um contexto social de intensa exploração de grupos dominantes possuidores de terras sobre os camponeses. Estes agricultores miseráveis eram excluídos de cidadania por todo o império e abandonados pelas autoridades eclesiásticas judaicas.

Para entender a religiosidade popular que se desenvolveu em torno do Jesus histórico é importante entender os contextos político, econômico e social que produziram esses profetas do deserto. Estes demonstraram conhecimento do cotidiano miserável do público que miravam atingir e domínio do conteúdo das mensagens religiosa e política que se propunham propagar. Tais fatos aliados aos aspectos de suas personalidades, conseguiram criar condições pra o surgimento e desenvolvimento de movimentos religiosos populares com relevante lastro social.

A Palestina do primeiro século foi um celeiro de profetas do deserto que criaram movimentos religiosos populares com grande adesão popular. O mais famoso profeta do deserto, antecessor a Jesus, foi João Batista. As mensagens religiosas dessas lideranças populares continham forte teor de contestação social. João Batista, assim como Jesus, foi executado pelas autoridades romanas que administravam a Palestina.

Para melhor compreendermos nosso objeto de estudo, podemos realizar analogias e comparações com as manifestações de religiosidade popular no Brasil. Fenômenos religiosos em volta do padre Cícero no sertão Cearense, de Antônio Conselheiro em Canudos na Bahia, José Lourenço do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto no Crato ou das Cidades Santas do Contestado, nos permitem encontrarmos paralelos, semelhanças e diferenças, que podem lançar luz para o entendimento da religiosidade popular.

Ao analisar o contexto social do interior do Ceará, no final do século XIX, é possível constatar a situação de exclusão, miséria e abandono em que estavam submetidos os camponeses da região. Exploração por parte dos donos de terras, abandono e vida luxuosa das autoridades religiosas católicas locais. Assim como no caso do Jesus histórico, o movimento religioso e social protagonizado por Padre Cícero foi antecedido pelo movimento religioso e social criado pelo padre Ibiapina. Assim como Cícero, o mestre Ibiapina também incomodava as autoridades eclesiásticas das regiões por onde andou e pregou. Algumas diferenças também são marcantes ao analisarmos esses dois casos, pois a morte dessas duas lideranças religiosas foi diferente. No caso de Jesus, suas ideias, pregações e popularidade foram condenadas com a morte. Questão que o aproxima mais ao Antônio

Conselheiro, do que ao padre Cícero, apesar de que também houve tentativas de matar padre Cícero. Outra diferença entre os dois casos é a postura de ambos perante as autoridades. Cícero alcançou ao poder político, se associou a líderes políticos poderosos como Floro Bartholomeu. Se tornou prefeito de Juazeiro. Possuía grande habilidade no trato com as pessoas, fossem hierarquicamente superiores ou inferiores. (Luitigarde: 2008, 332). Já o Jesus histórico não tinha essa preocupação, sua missão era propagar o Reino de Deus na terra mesmo que tal propagação custasse sua vida e não possuía a pretensão de se tornar líder de nada.

Em ambos os casos é curioso notar que o surgimento e desenvolvimento desses movimentos religiosos populares foi gradativo, muitas vezes tiveram o terreno preparado por movimentos similares anteriores, fazendo com que tais movimentos religiosos tivessem raízes sociais profundas manifestadas através de forte rede de apoio popular. Os indivíduos que integravam tais movimentos se sentiam representados, ajudados por esses intelectuais orgânicos que consciente ou inconscientemente lideravam tais movimentos sociais.

Acredito que a religiosidade popular não é obra de uma liderança ou de um profeta do deserto guiando uma massa de camponeses inconscientes. Ela é composta e desenvolvida por uma dinâmica singular de pessoas comuns, invisibilizadas, condenadas ao esquecimento e à pobreza. Elas intuem o que fazer para transcender o contexto de sofrimento e de necessidades extremas. Constroem movimentos sociais com o que tem nas mãos, através de relações sociais baseadas em redes de apoios recíprocos, compostas por seres humanos capazes de escolher conscientemente qual caminho seguir, independente dos múltiplos braços coercitivos dos grupos dominantes.

## BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Luitigarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus.** Fortaleza: IMEPH, 2008.
- BÍBLIA, Português. **BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Editora Paulus, 2002.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989).** São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

- CHEVITARESE, André Leonardo. **Cristianismos. Questões e debates metodológicos.** Rio de Janeiro: Editora Kline, 2011.
- \_\_\_\_\_ & CORNELLI, Gabriele. **Judaísmo, cristianismo e helenismo: ensaios acerca das interações culturais no Mediterrâneo Antigo.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.
- \_\_\_\_\_ & FUNARI, Pedro Paulo A. **Jesus Histórico. Uma brevíssima introdução.** Rio de Janeiro: Editora Kline, 2012.
- \_\_\_\_\_, Org.; Cornelli, Gabriele, Org.; Selvatici, Mônica, Org. **Jesus de Nazeré: uma outra história.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.
- CROSSAN, John Dominic. **O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo.** Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O essencial de Jesus.** São Paulo: Jardim dos Livros, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus.** São Paulo: Paulinas, 2004.
- \_\_\_\_\_. & BORG, Marcus J. **A última semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- EHRMAN, Bart. D. **Como Jesus se tornou Deus.** São Paulo: Editora Leya, 2014.
- \_\_\_\_\_. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?** Rio de Janeiro: Editora Agir, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Jesus existiu ou não?** Rio de Janeiro: Editora Agir, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Evangelhos perdidos.** Rio de Janeiro: Record, 2008.
- FLÁVIO JOSEFO: uma testemunha dos tempos dos Apóstolos.** São Paulo: Ed. Paulus, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no College de France.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** São Paulo: Ed. Boitempo, 2007.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2019.
- \_\_\_\_\_. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- VERMES, Geza. **Os manuscritos do Mar Morto.** São Paulo: Mercuryo, 1994.